ENTRE O GIZ E O BURNOUT: A DESVALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO E O ADOECIMENTO DOCENTE NO CENÁRIO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO



ANDREIA SOARES VIEIRA
Professora de Educação Infantil na Rede Municipal do Estado de São Paulo. Graduação em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP), Graduação em Educação Física pela Faculdade de Educação & Tecnologia Iracema (FAETI), Pós-graduação em Neuropsicopedagogia pela Faculdade de Educação Paulistana (FAEP), Pós-graduação em Práticas Educativas: Criatividade, Ludicidade e Jogos pela Faculdade de Ciência e Tecnologia Paulistana (FACITEP).

RESUMO

O presente artigo analisa a correlação entre a desvalorização estrutural da carreira do magistério e o processo de adoecimento dos docentes no Brasil. Através de uma revisão bibliográfica e análise de indicadores recentes, discute-se como a precarização das condições de trabalho, os baixos salários e a sobrecarga de tarefas atuam como determinantes sociais para o desenvolvimento de patologias como a Síndrome de Burnout, ansiedade e depressão. Atualmente o Brasil encontra-se no 2º lugar do ranking mundial de adoecimento mental docente. Os resultados apontam que o esgotamento não é apenas uma crise de saúde individual, mas um fator que reflete na qualidade do aprendizado, uma vez que a exaustão emocional do professor compromete diretamente o engajamento e a mediação pedagógica em sala de aula. Conclui-se que o fenômeno do "apagão docente", com déficit projetado de 235 mil profissionais até 2040, é alimentado por esse ciclo de desvalorização e doença. Urge a implementação de políticas de valorização integral e suporte psicológico institucional como condição indispensável para a sustentabilidade e da qualidade do ensino do sistema educativo brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Desvalorização docente; Síndrome de Burnout; Trabalho precarizado; Apagão docente; Qualidade do aprendizado.

INTRODUÇÃO

A educação é frequentemente descrita como o pilar de desenvolvimento de uma nação. No entanto no Brasil, a realidade vivida pelos professores revela um outro panorama: desvalorização social e financeira da carreira. Este cenário tem gerado um estado de sofrimento ético-político e psíquico que afeta a identidade do educador.

O objetivo deste artigo é investigar como as condições muitas vezes precárias de trabalho atuam como gatilho para o adoecimento. O problema de pesquisa reside na compreensão de que o esgotamento do professor não é uma falha individual, mas um sintoma de um sistema que exige alta performance em condições de escassez. Justifica-se este estudo pela urgência do tema: o Brasil ocupa atualmente a segunda posição no ranking mundial de adoecimento mental entre professores, exigindo uma análise crítica sobre os nexos entre trabalho e saúde.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
A DESVALORIZAÇÃO ESTRUTURAL E A PROLETARIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO

Entre as décadas de 1960 e 1980, a desvalorização simbólica e salarial do professor começou a se consolidar. Até a metade do século XX, o docente era visto como um intelectual de liderança social. Com a expansão desordenada do ensino e a falta de investimentos proporcionais, a profissão passou por um processo de perda de prestígio, com salários que não acompanharam a inflação do período.

A desvalorização manifesta-se em três frentes: salarial, institucional e simbólica. O não cumprimento do Piso Salarial Profissional Nacional em diversas regiões obriga o docente a jornadas duplas ou triplas, reduzindo o tempo de descanso e formação. Institucionalmente, o professor perdeu autonomia, tornando-se um executor de tarefas burocráticas e métricas de desempenho. Simbolicamente, a profissão sofre com a perda de autoridade perante a sociedade e as famílias, gerando um sentimento de invisibilidade e frustração.

O desinteresse e a desestatização do setor educacional como um processo cíclico que se aprofundou em momentos políticos e econômicos específicos no Brasil resultando em queda nos Investimentos: O gasto público em educação caiu, em média, 2,5% ao ano entre 2015 e 2021. Enquanto países desenvolvidos aumentaram seus investimentos em 2,1% ao ano, o Brasil seguiu a trajetória inversa, reduzindo a parcela do PIB destinada ao setor. Execução Orçamentária: Em 2021, embora o orçamento autorizado fosse maior, a execução real foi uma das menores da década.

O TRABALHO QUE ADOECE

O ambiente escolar tornou-se um espaço de alta demanda emocional. Entre os principais fatores de risco estão: sobrecarga e indisciplina, falta de apoio, despersonalização, sentimento de baixa realização. Além do sofrimento psíquico, o adoecimento se manifesta fisicamente em distúrbios de voz, dores crônicas e fadiga que comprometem a qualidade de vida e a eficácia pedagógica. Atualmente, estima-se que um terço (33%) dos professores da educação básica se encontram adoecidos.

Muitas vezes, o adoecimento é tratado como um problema "individual" de ajuste psicológico. No entanto, pesquisas indicam que a maioria dos docentes que sofrem com ansiedade e cansaço não recebe qualquer tipo de apoio emocional institucional. A gestão escolar, focada em métricas, frequentemente ignora o bem-estar da categoria, resultando em altos índices de abandono de carreira.

O APAGÃO DOCENTE

O fenômeno do apagão docente se dá pela perda da autonomia pedagógica, desvalorização da carreira e o adoecimento mental dos professores formando um uma ameaça a sustentabilidade da educação básica. A escassez de profissionais qualificados e a evasão de veteranos gera uma sobrecarga imediata sobre os que permanecem no sistema. Os docentes são submetidos a turmas superlotadas, acúmulo de funções burocráticas e à pressão pela mediação de novas tecnologias sem o suporte adequado.

A educação brasileira tem passado por momentos de profundas incertezas, principalmente no período pós-pandemia. Há impactos em todo o sistema educacional que afetam desde a gestão das instituições até o aprendizado dos educandos.

O desinteresse dos jovens pela formação no magistério é um fenômeno multifatorial, impulsionado por uma percepção de que a carreira não oferece o retorno necessário diante do esforço exigido.

De acordo com estudos recentes (2024-2025) e dados do Instituto Península, os principais motivos que afastam os jovens da docência são: Incompatibilidade entre salário e custo de vida, baixa remuneração, retorno sobre investimento (outras graduações oferecem salários iniciais e tetos de carreira muito superiores), degradação das condições de trabalho, carga horária e burocracia, violência nas escolas e a falta de infraestrutura básica, perda de prestígio e reconhecimento social, status da profissão (frequentemente associada a sofrimento e luta política), influência familiar (pais aconselham os filhos a buscarem áreas mais valorizadas, o contato diário com professores exaustos e desmotivados durante o ensino médio serve como um contraexemplo. O avanço do ensino à distância (EAD) e de contratos temporários cria uma massa de profissionais sem direitos, com salários por hora-aula baixos, o que desestimula qualquer projeto de vida na área.

A carreira do magistério enfrenta uma 'extinção programada' não pela obsolescência da função, mas pela inviabilidade econômica e psíquica imposta aos sujeitos. A tecnologia, longe de ser a substituta, tem sido usada como ferramenta de controle e sobrecarga, aprofundando o quadro de adoecimento e afastando as novas gerações. O professor agora precisa dominar não apenas o conteúdo, mas também o uso da IA, sem que haja, muitas vezes, formação continuada ou tempo para essa adaptação, diminuindo sua autonomia intelectual e contribuindo para a perda de sentido da profissão.

Estudos do Instituto Semesp (2022/2023) indicam que o Brasil pode enfrentar um déficit de 235 mil professores na educação básica até 2040.

ADOECIMENTO DOCENTE - SÍNDROME DE BURNOUT

O adoecimento docente atinge seu ápice na Síndrome de Burnout, caracterizada pela exaustão emocional, despersonalização e baixa realização. Pesquisas da UNIFESP (2023) indicam que 33% dos docentes da educação básica sofrem com o transtorno. O impacto é direto no aprendizado: um professor exausto perde a capacidade de mediação empática, o que reduz o

empática, o que reduz o engajamento dos alunos e deteriora o clima escolar.

Estudos apontam que a Síndrome de Burnout (esgotamento profissional) atinge níveis alarmantes na categoria, caracterizando-se pela exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional. Além dos transtornos mentais, o adoecimento manifesta-se fisicamente em muitos casos, inclusive levando profissionais a ficar como readaptados dentro das unidades escolares.

O Burnout docente não é um fenômeno isolado, mas uma crise que afeta toda a cadeia educativa, desde o desempenho dos alunos até as estatísticas previdenciárias, na educação, ele é considerado uma doença ocupacional desde 2022 pela OMS (CID-11).

Alguns indícios de Burnout docente se manifestam da seguinte forma:

- Exaustão Emocional: O professor sente que ele perdeu a capacidade de ensinar com eficácia aos alunos, apresentando fadiga crônica e falta de energia logo ao acordar.

- Despersonalização: O professor desenvolve uma atitude de distanciamento, ou indiferença em relação aos alunos e colegas.

- Baixa Realização Profissional: Um sentimento de incompetência e insucesso.

- Sobrecarga Quantitativa e Qualitativa: Muitas turmas, muitos alunos por sala e a necessidade de levar trabalho para casa (correções e planejamentos).

- Indisciplina e Violência: O desgaste emocional de gerenciar conflitos constantes em sala de aula sem apoio da gestão ou das famílias.

- Invisibilidade Social: A sensação de que a sociedade não valoriza o esforço empenhado, o que gera um vazio de propósito.

Em seu ápice, a Síndrome de Burnout traz ansiedade, irritabilidade, lapsos de memória, dificuldade de concentração e sentimentos de isolamento, enxaquecas, distúrbios do sono (insônia), problemas digestivos, palpitações e baixa imunidade.

Assim, o adoecimento não é apenas uma consequência da precarização, mas também um motor que acelera o déficit de professores, tornando a docência uma carreira em risco de colapso humano. Profissionais em estágio avançado de exaustão apresentam dificuldades severas de concentração e mediação pedagógica, o que resulta em um ambiente escolar apático e desumanizado, a qualidade da educação está intrinsecamente ligada à saúde de quem ensina: um sistema que adoece seus professores é, por definição, um sistema que falha em educar seus alunos.

Muitas vezes, as redes de ensino tratam as licenças médicas como um problema administrativo e não como um sinal de alerta sobre o ambiente de trabalho. A ausência de programas de acolhimento e prevenção faz com que o professor retorne ao mesmo ambiente tóxico que o adoeceu,

O Burnout é a principal causa do abandono da carreira, alimentando diretamente o "apagão docente" que discutimos anteriormente.

É o ponto final da desvalorização. Quando o poder público desiste de investir no professor, ele condena o profissional a esse estado de exaustão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo revela que a crise da educação brasileira não é meramente pedagógica ou orçamentária, mas sim uma crise de sustentabilidade humana. O fenômeno do adoecimento docente, manifestado pelo crescimento alarmante da Síndrome de Burnout e de transtornos de ansiedade, não pode ser dissociado da desvalorização estrutural da carreira. A precarização salarial e a perda de autonomia intelectual empurram o magistério para um cenário de "profissão de risco", afastando as novas gerações e consolidando o apagão docente projetado para as próximas décadas.

Ficou evidente que as novas tecnologias, embora ferramentas de apoio, não possuem o potencial de substituir a mediação humana necessária ao processo de ensino-aprendizagem. Pelo contrário, quando utilizadas apenas como instrumentos de controle e métricas burocráticas, essas tecnologias aprofundam a exaustão do profissional. O desinteresse dos jovens pela área é um reflexo direto do “esgotamento" que a carreira se tornou, onde o custo emocional e físico supera largamente o retorno financeiro e o reconhecimento social. Atrair a nova geração depende de oferecer uma carreira onde o desenvolvimento profissional não signifique, necessariamente, o esgotamento da saúde mental.

A reversão do desinteresse juvenil e o enfrentamento do apagão docente exigem que a carreira do magistério deixe de ser percebida como um sacerdócio de renúncia para se tornar uma profissão de alta atratividade tecnológica e financeira. Propostas eficazes devem focar em três eixos: remuneração competitiva em relação ao setor privado, redução da carga horária burocrática para permitir a pesquisa e a inovação, e a criação de ambientes escolares seguros, dotados de infraestrutura tecnológica que apoie, e não substitua, o trabalho intelectual do professor.

Com vistas ao cenário atual, urge implementação de Políticas de Valorização Integral que garantam planos de carreira reduzindo a sobrecarga, criação de redes de apoio psicossocial dentro das secretarias de educação, tratando o adoecimento como uma questão de saúde ocupacional, devolução do papel intelectual do professor, combatendo a alienação gerada pelo excesso de plataformas e metas externas, campanhas de incentivo para estudantes de licenciatura, investir em programas de mediação de conflitos para transformar a escola em um ambiente seguro , reduzir o número de alunos por turma para mitigar a exaustão emocional lembrando que quantidade não quer dizer o mesmo que qualidade, que a IA seja usada para automatizar tarefas deixando o professor livre para a parte humana e criativa.

A crise da educação brasileira não é apenas uma questão de currículo, mas de sustentabilidade humana do próprio sistema. Em suma, salvar a educação brasileira em 2026 e além exige, prioritariamente, salvar quem ensina. Sem o cuidado com a saúde mental e a dignidade material do professor, qualquer reforma educacional estará fadada ao insucesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAMY, N. C. L. et al. **Prevalência da Síndrome de Burnout em professores: protocolo de revisão sistemática**. Revista Saúde Coletiva, [s. l.], v. 15, n. 94, p. 12-25, 2025.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Tradução de Afrânio Catani**. Bauru: EDUSC, 1999.

FANFANI, Emilio Tenti. **A condição docente: dados para o estudo da profissionalização**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

GASPARINI, Sandra M.; BARRETO, Sandhi M.; ASSUNÇÃO, Ada Á. **O adoecimento docente e a precarização do trabalho**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1313-1323, set./out. 2005.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Sentimentos e percepção dos professores brasileiros**. São Paulo: Instituto Península, 2024. Disponível em: https://institutopeninsula.org.br. Acesso em: 30 mar. 2026.

INSTITUTO SEMESP. **Mapa do Ensino Superior no Brasil 2023: projeções para o apagão docente**. São Paulo: SEMESP, 2023. Disponível em: https://www.semesp.org.br. Acesso em: 30 mar. 2026.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. **Esboço de uma crítica à patologização do sofrimento docente**. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 7-25, 2011.

OCDE. **Education at a Glance 2024: OECD Indicators**. Paris: OECD Publishing, 2024. Disponível em: doi.org. Acesso em: 30 mar. 2026.

REVISTA EDUCAÇÃO. **Saúde mental dos professores é questão urgente: afastamentos por transtornos mentais disparam**. Revista Educação, [S. l.], abr. 2025.

SANTOS, L. M.; OLIVEIRA, D. A. **A uberização do trabalho docente: plataformas digitais e a precarização do ensino**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 28, e280010, 2023.

TOSTES, M. V. et al. **Condições de trabalho docente no Brasil: ensaio sobre a precarização e o sofrimento**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 45-60, 2019.

UNIFESP. **Síndrome de Burnout atinge professores da educação básica**. São Paulo: DCI/UNIFESP, 2023.